

UMA SALA PARA MUITAS LÍNGUAS: TRANSPONDO FRONTEIRAS E UNINDO AS DIFERENÇAS PARA UM APRENDIZADO MAIS HUMANIZADOR

Sabrina Sant'Anna RIZENTAL
(Universidade Federal Fluminense/CAPES)
sabrinasr@id.uff.br

RESUMO: O Brasil “abre os braços” aos refugiados. No Rio de Janeiro imigrantes e brasileiros se confundem. Alguns autores apresentam o português do Brasil como língua de acolhimento, mas as instituições que oferecem cursos de português para refugiados enfrentam grandes desafios na escolha de estratégias pedagógicas adequadas. Sob a perspectiva da Análise de Discurso propomos pensar sobre esse estrangeiro no processo de aprendizagem da nova língua em relação às práticas educativas desenvolvidas até o momento, valendo-nos da proposta da Cáritas RJ, dos discursos midiáticos, de redações e depoimentos de imigrantes refugiados.

PALAVRAS-CHAVE: Refugiados; Português do Brasil; Estratégias pedagógicas.

ABSTRACT: Brazil “opens its arms” to refugees. Immigrants and Brazilians can be almost the same in Rio de Janeiro. Some authors present the Brazilian Portuguese as a welcome language, but the institutions responsible for offering Portuguese courses to refugees have been dealing with big challenges related to the best practices when it comes to teaching strategies. Based on the Discourse Analysis’ perspective we consider thinking about this foreigner regarding the learning process of the new language in relation to the practices developed up to the present time, drawing on Cáritas RJ educational proposal, media discourses, refugees immigrants essays and statements.

KEYWORDS: *Refugees; Brazilian Portuguese; Teaching strategies.*

0. Introdução

No atual contexto das migrações, no qual o Brasil vem ganhando espaço e reconhecimento da mídia, uma vez proclamado como um país generoso que abre suas portas e aceita a diversidade, alguns autores defendem que no “processo de integração dos refugiados é imprescindível

o ensino do português como língua de acolhimento” (Amado, 2013, s/p.). Essa afirmação pode ser comprovada em manifestações dos próprios imigrantes que frequentam as salas de aula dos cursos de português para refugiados. Entretanto, nessas mesmas salas de aula também há alunos que demonstram grandes dificuldades no contato com essa língua, muitas vezes tão estranha aos ouvidos e sentidos. Com base nos relatos verbais dos alunos, em perguntas elaboradas com certa relutância e em suas próprias expressões faciais e corporais, questionamos até que ponto todos os imigrantes compartilham desse mesmo discurso de imprescindibilidade da *língua de acolhimento*.

Todos os refugiados entendem a aprendizagem da nova língua como uma necessidade essencial? Estão todos receptivos à possibilidade de aprendizado e às propostas didáticas do ensino dessa nova língua estrangeira? Isso, de certa forma, significa “abrir mão” de um dos principais vestígios de sua identidade, abdicar de parte de sua essência, a língua que os define individualmente e os vincula às suas raízes? Todos os imigrantes querem pensar, falar, expressar seus desejos e sentimentos, posicionar-se e ler-se na língua do outro? Quais são as implicações de uma tomada de consciência dos deslizamentos discursivos que os afetam nesta terra onde tudo é novo e onde se pretende reconstruir a vida e ressignificá-la sob novas perspectivas?

A.M.¹, aluno procedente da Etiópia, após sua primeira aula no curso de português oferecido pela Cáritas RJ, pergunta por algum conterrâneo que tenha chegado no Rio de Janeiro, demonstrando um desejo quase desesperado de fazer contato com um irmão etíope para conversar na sua língua, mesmo que esporadicamente. Ao receber a notícia de que não há registros de outro refugiado da mesma nacionalidade, seu rosto se transforma na mais intensa expressão de dor, frustração e tristeza.

Outro aluno do mesmo curso, dessa vez proveniente da Síria, expressa o seu desejo de ensinar sua língua, o árabe, aos brasileiros. Ele diz que além de gerar alguma renda, terá a oportunidade de “mostrar a sua língua”. Mostrar a língua significa mostrar a si mesmo, fazer-se notar, ter visibilidade pela língua. Esse aluno, apesar de demonstrar compreensão do que é ensinado durante as aulas, apresenta resistência para falar o português, insistindo em comunicar-se em árabe com seus compatriotas ou inglês com os outros integrantes do projeto.

Segundo Revuz (2006: 216), “as línguas são objetos de investimentos fortes, frequentemente passionais”. A autora afirma que:

[...] Toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua. Muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua

¹ Optamos por utilizar as iniciais dos nomes para proteger a identidade dos imigrantes refugiados.

é material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional.
(REVUZ, 2006: 217)

O aluno que quer ensinar o árabe aos brasileiros, de alguma forma, tenta suprir a carência gerada pelo que ficou para trás. Afinal, o refugiado não deseja deixar, abandonar o seu país. Ele foge da miséria, dos conflitos armados, das perseguições, da grave violação dos direitos humanos, para preservar a sua vida e sua situação é tão crítica e perigosa que ele se vê obrigado a cruzar fronteiras rumo ao desconhecido, em busca de segurança e alguma esperança de retomar seus direitos básicos.

Neste artigo apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado que tem como título "*Um olhar além dos estereótipos: uma análise discursiva sobre o estrangeiro no lugar do refugiado e o acolhimento no Rio de Janeiro*", e conta com a orientação da Prof^a. Dr^a. Vanise Gomes de Medeiros e coorientação da Prof^a. Dr^a. Maria Del Carmen Daher, ambas da Universidade Federal Fluminense. Na pesquisa propomos pensar esse estrangeiro, em situação de refúgio, que é encaminhado ou elege o Brasil como destino após fugir do seu país. Utilizando como materialidade dois proferimentos de imigrantes procedentes da República Democrática do Congo² e a apresentação institucional da Cáritas RJ, questionamos os efeitos de sentido produzidos pela imagem de hospitalidade atribuída ao país pela grande mídia e pelas instituições que recebem este imigrante no Rio de Janeiro, confrontando a ideia de *acolhimento* com os dizeres deste imigrante assujeitado pela ideologia do outro e por um imaginário que lhe confere sentidos contraditórios produzidos a partir da própria condição de refugiado e dos discursos institucionais.

Situado na linha de pesquisa Teorias do Texto, do Discurso e da Interação, do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense, o projeto teve início no primeiro semestre de 2015, mas sua origem data de 2013, época em que encontramos reflexões sobre o tema das migrações e do refúgio somente em algumas áreas restritas, tais como a geografia, a psicanálise e a sociologia. Havia poucas pesquisas sobre as migrações nos estudos de linguagem e nenhuma com foco nos dizeres sobre os imigrantes refugiados. Esse apagamento nos provocou grandes inquietações e intensificou a necessidade de buscar mais informações e conhecimento, vislumbrando a possibilidade de problematizar a temática no campo da Análise do Discurso.

No recorte que propomos neste artigo, faremos uma breve apresentação de alguns aspectos da proposta de ensino da Cáritas RJ e analisaremos alguns recortes de redações e depoimentos de alunos do curso oferecido por esta instituição. Centralizaremos esta proposta nos

² Os proferimentos foram realizados em evento ocorrido no Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro (MPT-RJ), na semana de comemoração ao Dia Mundial do Refugiado de 2015.

discursos que atravessam o processo de aprendizagem da língua portuguesa e falaremos sobre alguns aspectos das relações numa sala de aula que comporta uma vasta diversidade.

Nesta sala há um grupo formado por pessoas de diversas nacionalidades, culturas diferentes, faixa etária variada e nível de escolaridade distinto. Trata-se de um espaço onde as angústias individuais e coletivas se misturam ao mesmo tempo em que se conflitam, manifestando as frustrações dos que se sentem desmotivados pelas dificuldades e os lampejos de alegria pelas pequenas conquistas que fazem parte dessa bela e árdua trajetória.

Pensar as práticas educativas e uma didática adequada às necessidades desse público é um desafio que deve levar em conta as diferentes representações discursivas para que se possa fazer escolhas que proporcionem uma autêntica experiência de acolhimento aos imigrantes refugiados.

1. Um país de braços abertos?

Um dos efeitos de sentido da fala do jornalista Gustavo Barreto, em entrevista à BBC Brasil, sugere contradições nos discursos de um "país que tem os braços abertos" ao diferenciar as designações: *refugiado*, *imigrante* e *estrangeiro*.

"O **refugiado é sempre negativo**, um problema grave a ser discutido. O **imigrante é uma questão a ser avaliada**, pode ser algo positivo ou negativo, mas em geral a visão é de algo problemático. Já o **estrangeiro é sempre positivo**, inclusive melhor do que o brasileiro. É alguém com quem podemos aprender", diz. (BARRETO, 2015³) (Grifos nossos)

Há décadas o Brasil é destacado como um país hospitaleiro, cujo povo, justamente por ser "miscigenado" (Barreto, 2015: 42), recebe o estrangeiro de braços abertos. Os veículos midiáticos contribuem no reforço dessa imagem e, há algum tempo, não se limitam aos turistas, aos expatriados⁴ ou aos imigrantes que investem no país e contribuem para o seu desenvolvimento. A mídia vem estendendo esse efeito de sentido aos imigrantes refugiados.

Nesse discurso, que coloca o brasileiro como um povo que acolhe, aceita o outro e o recebe bem, a imagem que circula é de uma nação que oferece liberdade, segurança, respeito à cultura e aos costumes de todos

³ Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150819_racismo_imigrantes_ip_rm

⁴ Expatriados são os estrangeiros que entram no país, geralmente através de empresas multinacionais, para movimentar-se em posições sujeitas a variadas que lhes conferem credibilidade e prestígio, de acordo com os interesses corporativos.

os estrangeiros. E por todas essas características, o Brasil se converteu em mais um destino para os estrangeiros em situação de fuga.

Mas será que a chegada neste país é serena como se pode idealizar a partir de alguns discursos midiáticos? Que nação é essa, cuja língua e dizer são tão diferentes que muitas vezes silenciam o imigrante refugiado, ou o colocam numa posição de grande vulnerabilidade? Em que momento emergem para esse estrangeiro sentidos que remetem à ideia de um país que os recebe de braços abertos?

2. O dizer sobre o refugiado

O procurador federal dos Direitos do Cidadão, Aurélio Rios, afirma:

“Em razão da estabilidade econômica e da imagem do país, o Brasil passou a ser visto como um destino possível. Mas **temos que** permitir que ele trabalhe, tenha acesso à saúde e que seus filhos possam estudar em escolas públicas. **Ele não pode sofrer discriminação por ser refugiado**”. (Barreto Filho, 2014. Fonte: O Dia⁵) (Grifos nossos)

Neste fragmento é interessante observar a escolha do verbo “ter” na terceira pessoa do plural, incluindo o enunciador como um “eu” ampliado que sugere efeitos de sentido de empatia e sua inserção na responsabilidade de um dever para evitar que este imigrante sofra discriminação por ser refugiado.

Contudo, este dizer “temos que permitir” poderia produzir efeitos contraditórios, tais como a ideia de que esse imigrante não teria permissão imediata para suprir suas necessidades básicas, permanecendo como pária numa sociedade que exporta a imagem dos *braços abertos* que acolhem a diversidade?

Outro exemplo pertinente é o caso da reportagem publicada recentemente no G1 sobre o curso Abraço Cultural, promovido pelas Organizações Não Governamentais Atados e Adus, ambas de São Paulo, no qual refugiados de diversos países atuam como professores e ensinam seus idiomas, bem como sua culinária, dança, música e literatura, valorizando a própria cultura e mantendo algum vínculo com suas raízes. Na mesma reportagem que divulga a iniciativa encontramos a seguinte afirmação:

⁵ Fonte: <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-09-07/brasil-desponta-como-nova-rota-dos-refugiados.html>

A palavra "refugiado" desperta preconceito, acredita um dos organizadores do curso, Daniel Morais, e a ideia é quebrar isso, além de gerar renda para os refugiados". (Paulo, 2015. Fonte: G1⁶) (Grifos nossos)

Este recorte destaca novamente a designação que alude a um interdiscurso que contradiz a ideia de acolhimento, bem como a natureza generosa de um país e de seu povo.

3. Ler-se no dizer do outro

Destacamos a fala de Maria Ileana F. Iglesias, antropóloga, imigrante cubana refugiada, e professora de espanhol na ONG Abraço Cultural, em entrevista ao site UOL Notícias e, em seguida, três sequências discursivas (SD1, SD2 e SD3) extraídas de produções textuais de alunos do curso de português para refugiados oferecido pela Cáritas RJ, nos quais observamos alguns efeitos de sentido nas nomeações atribuídas aos estrangeiros que ocupam o lugar do imigrante refugiado:

O enorme e cruel deslocamento forçado da população africana, que foi selvagemmente escravizada, afastada para sempre de suas famílias e atiradas a estranhas terras, ainda não tem a mesma força sensibilizadora nos imaginários coletivos. Semelhante barbárie tem sido vista por alguns, ainda hoje, como "um passo necessário no processo civilizatório e de desenvolvimento econômico na história da humanidade". Essa não é uma mentalidade do passado. Ela está lamentavelmente atualizada e nos mostra que as dicotomias ainda sustentam os imaginários que, ou são preconceituosos, ou supostamente abertos e liberais. É com base nesses imaginários que se estabelecem, até o presente momento, relações de poder e que se elaboram políticas públicas. Eles são o substrato da elaboração das ações chamadas "humanitárias". (IGLESIAS, 2015⁷)

SD1: Para os brasileiros eu sou só um **gringo**. (K.M., Venezuelana, 2015) (Grifos nossos)

SD2: Para muitos eu serei **somente um estrangeiro ou refugiado a mais**. (G.M., Venezuelano, 2015) (Grifos nossos).

SD3: No Brasil eu sou **extrangeiro** ou **gringo, não porque eu decidi ser chamado assim, mas é a melhor forma que conseguem as pessoas na rua pra me chamar** e também porque é realmente a condição obtida pela situação de não ter nascido nesta área geográfica, falar outro idioma, ter outras costumes, e muitas outras coisas pelas quais posso

⁶Fonte: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/refugiados-ensinam-idiomas-por-meio-de-experiencias-culturais-em-sp.html>

⁷ Fonte: <http://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2015/10/13/no-brasil-imigrantes-negros-sao-tidos-como-um-estorvo-necessario.htm>

receber **aquele adjetivo** pra me **nombrar**. (E.M., Venezuelano, 2015) (Grifos nossos).

Refletindo sobre a afirmação de Orlandi (2009: 74) de que é pela "articulação necessária e sempre presente entre o real e o imaginário que o discurso funciona", temos os dizeres de Iglesias sobre os imaginários que estabelecem relações de poder ou *relações de força* (*idem*: 39).

O que temos, em termos de real do discurso, é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito quanto do sentido. De outro lado, a nível das representações, temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição, na instância do imaginário (ORLANDI, 2009: 74).

Com base nestes conceitos observamos como os alunos procedentes da Venezuela se lêem no discurso da mídia e da comunidade local, destacando a nomeação que lhes é dada pelo outro e que produz efeitos de sentido que corroboram com o que afirma Barreto (BBC Brasil, 2015) quanto à visão estereotipada sobre os novos imigrantes, colocando-os sempre como um problema para a sociedade.

4. A língua que não diz o que se quer dizer

Em condições habituais, quando visitamos outro país, ainda que falemos fluentemente o idioma ou uma língua intermediária que facilite a comunicação, em alguns momentos não encontramos a expressão ou a palavra mais adequada para externar determinados sentimentos, pois sua imagem acústica aflora na língua materna e, mesmo inconscientemente, nos recusamos a vinculá-los ao léxico de outra língua, por mais que comprovemos essa possibilidade.

A partir de depoimentos dos próprios alunos, observamos que eles não vivenciam apenas o desconforto descrito previamente, mas também outras sensações que podem desmotivá-los de tal forma que rejeitam a experiência de um novo aprendizado. Lembremos que nem todo aluno que se encontra na condição de imigrante refugiado participa de uma aula de língua portuguesa por uma escolha 100% espontânea⁸ e neste caso há uma resistência, ainda que interna, que intensifica seu desconforto.

Durante as atividades propostas pelos professores voluntários, o estrangeiro se depara, por exemplo, com alguns sons que exigem uma adaptação do aparelho fonador e dos próprios movimentos da boca, tornando a prática oral aparentemente artificial, engraçada ou mesmo

⁸ Existem alguns incentivos para que os imigrantes participem do curso de português e um dos mais significativos é a possibilidade de conquistar oportunidades no mercado de trabalho rapidamente.

dolorosa na medida em que desestabiliza o emocional e afeta a sua autoestima. "Esse 'banho de sons' articulados de modo brando ao sentido aparece como uma ameaça de 'afogamento' e, por outro lado, muitos são os que, em seu esforço por pronunciar, fazem inspirações-expirações realmente desproporcionadas em face das necessidades" (Revuz, 2006: 221). Como bem coloca a autora, alguns alunos explodem em risos e outros se fecham, muitas vezes de forma tão profunda que mesmo querendo não conseguem transpor a barreira. A nova língua se transforma numa ação desconfortante.

Outro momento desafiador e que suscita efeitos diversos nos alunos ocorre quando são apresentados ao léxico da nova língua. Revuz (2006: 223) afirma que:

[...] a operação de nomação em língua estrangeira, mais do que uma regressão, vai provocar um *deslocamento das marcas anteriores*. A língua estrangeira vai confrontar o aprendiz com um outro recorte do real mas sobretudo com um recorte em unidades de significação desprovidas de sua carga afetiva.

A.M., o aluno Etíope que citamos no início do artigo, aciona a internet de seu celular em busca de alguma representação do Amárico, uma das línguas faladas em seu país e a língua originalmente falada por ele, e com uma expressão de pesar fala sobre a beleza de seus símbolos. Apesar de dizer que quer aprender o português rapidamente, afirma que a língua lhe soa muito difícil e estranha. Isso ocorre porque além das diferenças gritantes no léxico e na estrutura entre a língua materna e a língua do outro, outras diferenças não menos vívidas emergem nesse processo.

Ao falar sobre língua, pensamento e realidade, David West (2005: 332) propõe as seguintes considerações:

'Words... "mean" nothing by themselves,' they stress, and 'it is only when a thinker makes use of them that they stand for anything, or ... have "meaning"'.⁹

[...] Without thought, then, meaning — the relation of word to thing — is not possible; meaning only arises with the interposition of thought between word and thing.¹⁰

Um estudante colombiano relata que ao tentar comprar leite numa padaria do Rio de Janeiro, a vendedora não entende o seu pedido. O aluno, então agoniado, como descreve o seu estado emocional no

⁹ 'Palavras... "significam" nada por si mesmas', elas enfatizam, e 'somente quando um pensador faz uso delas que elas representam alguma coisa, ou... têm "significado" (tradução nossa).

¹⁰ Sem pensamentos, então, significar — a relação da palavra com a coisa — não é possível; significar só surge com a interposição do pensamento entre palavra e coisa (tradução nossa).

momento da compra, diz que está certo de ter “pensado” a palavra corretamente, de acordo com o que aprendeu nas aulas de português, mas no afã de resolver rapidamente a questão e sair daquela situação de desconforto arrisca utilizar a palavra de sua língua materna: “leche”¹¹ e imediatamente é compreendido pela vendedora.

5. Transpondo fronteiras

Assim como o significante “refugiado” reclama sentidos, conscientização, reflexões e atitudes, uma proposta de acolhimento para este público deve considerar vários fatores que compõem essa realidade contemporânea.

Os refugiados do Brasil alcançaram o número de 8.400 reconhecimentos em agosto de 2015 e 12.666 imigrantes aguardando deferimento de seus pedidos de refúgio. O Rio de Janeiro abriga pouco mais de 3.000 do total de imigrantes que estão no país.

Entretanto, segundo o professor de Relações Internacionais da FGV, Oliver Stuenkel:

O Brasil é um dos países mais fechados do mundo quando o tema é imigração. Só 0,3% das pessoas que vivem aqui nasceram em outros países. [...] Em países da Europa os estrangeiros representam entre 7% e 20% da população. Nos EUA, o percentual é de mais de 10%. No Canadá e Austrália, 20%”. (BBC Brasil, 2015¹²)

Essa estatística poderia justificar alguns dizeres que defendem a necessidade do aprendizado do português do Brasil, uma vez que ao chegar ao país os imigrantes sentem que sem um domínio razoável da língua reduzirão as chances de rápida integração e reconstrução de uma nova vida.

Eu entendi que, sem falar o português, não teria como viver. Aí procurei estudar o idioma, comecei a fazer um curso na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e isso me ajudou a melhorar meu português. Depois consegui um emprego fixo, no setor de hotelaria. No hotel, comecei na área de limpeza, hoje trabalho como mensageiro. (Kongo, refugiado da República Democrática do Congo, relatando sua experiência de chegada no Rio de Janeiro. (Grifos nossos)¹³

¹¹ A pronúncia da palavra na língua espanhola (*leche*) está mais próxima da pronúncia carioca da palavra leite (*leitchi*).

¹² Fonte: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150924_oliver_stuenkel_ru.

¹³ Trecho extraído do artigo da Agência Brasil (2015), <http://www.ebc.com.br/cultura/2015/08/entre-expectativa-e-garantia-de-permanencia-refugiados-fazem-vida-no-brasil>.

A vida é difícil no Brasil, por muitos motivos como falta de emprego, **a dificuldade de aprender a língua portuguesa**, fazer novos amigos e començar do zero.¹⁴ (M., refugiada da Gâmbia, 2015) (Grifos nossos)

A refugiada da República da Gâmbia, contudo, admite a dificuldade com a língua portuguesa refletida em outras etapas do processo de inserção na nova comunidade. Além da questão relacionada à busca por trabalho, tal dificuldade afeta a própria socialização.

Pêcheux (2014: 103) afirma que:

[...] pensar sintaticamente sobre um enunciado sempre revela um pouco mais sobre seu significado, porque o compreendemos em relação a outros enunciados por meio de jogos sintáticos de forma que são requeridos pelo primeiro enunciado. Da mesma forma, produzir tais enunciados implica em uma tomada de posição em relação à língua, assim descrita por Philippe Sollers*****: 'Não posso considerar livre um ser que não luta para quebrar em si as amarras da língua...'

Como pensar práticas que contribuam para o aprendizado do refugiado recém-chegado, inserido num contexto sócio-histórico-ideológico tão distinto de suas origens?

As instituições que se ocupam dessas questões trabalham arduamente na construção de propostas pedagógicas que ofereçam estratégias adequadas para que esse imigrante se sinta minimamente acolhido num espaço que pode ser considerado um laboratório para a transposição de obstáculos linguísticos, sociais, emocionais e psicológicos e para a conquista de alguma segurança que lhe permita a integração com a comunidade.

A Cáritas RJ oferece um ensino de português para refugiados que em alguns aspectos coincide com a proposta de outras instituições. Neste curso, cujas aulas são ministradas durante 1 hora e 30 minutos, duas vezes por semana, as turmas são divididas pela língua mediadora, ou seja, imigrantes procedentes de países distintos, mas que tenham como língua materna (L1) ou segunda língua (L2) o inglês, o francês e o espanhol, fazem parte do grupo que trabalha com uma dessas línguas como intermediária. Os grupos são divididos em dois níveis, básico e avançado, classificados como Inglês I e II, Francês I e II, com exceção do Espanhol que possui uma única turma. Ressaltamos que o critério "nível de conhecimento ou de escolaridade" não é levado em consideração para alocar os alunos nos respectivos grupos e a falta de identificação da escolaridade dos estudantes pode afetar seu desenvolvimento em sala de aula, pois é possível que um imigrante tenha alcançado o nível de um

¹⁴ Fragmento extraído da produção textual redigida por M, refugiada da Gâmbia, durante uma aula de português para estrangeiros. Novamente optamos por manter a escrita do texto na íntegra, não corrigindo os erros de ortografia, de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa.

doutorado em seu país e outro nem tenha frequentado a escola básica. A articulação do raciocínio do aluno escolarizado é diferente daquele que não teve as mesmas oportunidades e conseqüentemente será explicitada em seu comportamento, na forma como elabora suas perguntas, como acompanha as explicações e na velocidade com que assimila as informações sobre a nova língua. Todos esses fatores geram impaciência por parte de alguns alunos e potencializam o desconforto de outros.

Numa sala de aula onde a língua intermediária nem sempre é bem falada ou compreendida, mas apesar disso é utilizada na aprendizagem de uma terceira língua (L3), as relações com o "outro" são complexas. O outro que afeta ao carregar as evidências da diferença, que silencia, oprime e muitas vezes não permite que se quebre as amarras.

Como articular a língua dos pensamentos e dos sentimentos, a língua que identifica esse estrangeiro que já foi compelido a abandonar tantas coisas que o constituíram sujeito do seu dizer como indivíduo pertencente a um lugar que também teve que deixar para trás, com a língua que o coloca nesse outro lugar, no lugar do outro ao qual não pertence, nessa nova posição discursiva?

A Cáritas RJ acredita que um curso de português que ofereça ferramentas para que o imigrante se defenda minimamente no dia a dia seja suficiente para suprir suas necessidades emergenciais. O curso de português do Brasil oferecido por esta instituição tem a duração de um ano. Após esse período os alunos podem buscar opções de aprofundamento dos conhecimentos em outras instituições, que são informadas pela própria Cáritas. Entretanto, há casos de alunos, especialmente os imigrantes idosos ou severamente afetados pela mudança, que em função da grande dificuldade no aprendizado permanecem mais tempo participando do projeto. Isso leva os professores à conclusão de que muitas vezes a frequência nas aulas de português possui também o caráter de socialização, pois muitos imigrantes refugiados, incluindo as mulheres e os idosos, somente interagem com outras pessoas no momento em que se encontram para assistir as aulas, nos dois dias da semana.

Por isso, os professores voluntários se deparam com os mais diversos anseios e acabam dando-se conta de que estão numa sala de aula que possui um valor simbólico muito mais abrangente e que não pode ser ignorado no decorrer de um processo de acolhimento.

O processo de ingresso na língua não é simples e pode tornar-se ainda mais difícil e intimidador na medida em que o imigrante recém-chegado percebe as diferenças em sua práxis: as variantes regionais, as particularidades da escrita, tais como as palavras que levam *s*, *ss*, *ç*, *z*, *r*, *rr*; a pronúncia de palavras escritas com *j*, *g* (*ge*, *gi*), e das palavras com *r*, como *caro*, *carro*, *rua*, *parede*, mas especialmente palavras como *João*,

maçã, manhã, pão, mãe, cuja pronúncia nasalizada se torna um grande temor para muitos estrangeiros que não possuem tais fonemas na língua materna. As expressões idiomáticas e coloquiais também representam grandes desafios, visto que alguns imigrantes escutam determinados dizeres, nas comunidades onde residem, cujo sentido se apresenta incompatível com o significado que lhes é explicado em sala de aula, de acordo com a língua posta por alguns autores como língua padrão do português brasileiro escrito. A exemplo disso temos o caso do estudante africano de Serra Leoa que, após uma aula sobre as partes do corpo humano e os sentidos sensoriais, perguntou à professora o que significava a expressão "passar a visão".

Há outro estranhamento que ocorre pelo fato de que alguns imigrantes sentem falta de estratégias de ensino mais semelhantes às que estavam acostumados no país de origem. É interessante observar as várias críticas à metodologia aplicada na proposta do curso de português oferecido pela Cáritas RJ, que desvia do ensino prescritivo da língua portuguesa – baseado na progressão gramatical linear sugerida pelos livros didáticos – e privilegia temas do cotidiano para que os alunos possam resolver suas necessidades emergenciais, tais como fazer compras, transitar pela cidade, preencher formulários, entre outros assuntos que fazem parte de sua rotina diária. Embora alguns alunos reconheçam a utilidade desta proposta para o momento emergencial, após algumas aulas eles reclamam da falta de progressão, argumentando que não há uma continuidade, um encadeamento do raciocínio em relação aos temas propostos para o aprendizado da nova língua. A constante chegada de alunos novos, que obriga os professores a retomar assuntos já trabalhados, também agrava a frustração dos que esperam progredir de forma mais linear.

Enfim, todas essas questões fomentam insegurança, desânimo e agravam o temor de não aprender a língua rapidamente e não lograr a aceitação da sociedade, especialmente dos empregadores que exigem o conhecimento razoável do português para contratar e manter os imigrantes em seu quadro de funcionários.

A questão do trabalho é outra preocupação bastante relevante que também demanda atenção, mas vem sendo silenciada no dizer social. Alguns imigrantes refugiados que se encontram há mais tempo no país, atualmente no Rio de Janeiro, afirmam que a fluência na língua portuguesa, tão exigida no ato da contratação, também se converte em fator de intimidação ou até ameaça quando eles são inseridos no ambiente laboral e estão aptos a compreender muitos sentidos implícitos ou não nas palavras de seus companheiros de trabalho. O mesmo processo ocorre quando buscam alternativas para melhorar sua fluência em outras instituições indicadas pela Cáritas e se deparam com o outro,

na posição de professor, que muitas vezes por receio, por desconhecimento desse público, por não falar nenhuma língua intermediária ou por outros motivos não explicitados, demonstra um comportamento que pode ser interpretado como impaciência, preconceito ou mesmo descaso.

Ao pensar o indivíduo na nova posição sujeito, submetido às condições de produção do país destinatário e específicas da cidade onde reside, citamos Orlandi (2012: 9), no que refere à questão do sujeito e dos sentidos:

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos.

Como dar-se visibilidade num lugar que exige tanto esforço, tantas desconstruções e ressignificações, para adaptar-se à nova ideologia e aprender a língua que não lhe garante a aceitação pelo outro, o autóctone do país que o recebe?

É possível que o professor dessa sala de aula, tão diversificada, proponha uma estratégia didática que neutralize os atravessamentos discursivos e promova uma "trégua" para que o aprendizado, sendo ele uma escolha totalmente espontânea ou uma necessidade, se transforme em verdadeira oportunidade de acolhimento?

6. Uma voz que diz o imigrante refugiado

Charly Kongo, Refugiado da República Democrática do Congo, vivendo há mais de sete anos no Rio de Janeiro, vem participando de vários eventos nos quais fala do processo de refúgio para conscientizar a comunidade carioca sobre alguns efeitos de sentido provocados pelo significante *refugiado*. Ele é falante da língua francesa, mas possui bom domínio do português. Seu proferimento, realizado em homenagem ao Dia Mundial do Refugiado de 2015, no Ministério Público do Trabalho do Rio de Janeiro (MPT-RJ), apresenta algumas marcas que produzem efeitos de sentido distintos dos que poderiam ser gerados caso ele o fizesse em francês e fosse traduzido por um falante de português do Brasil.

Vejamos duas sequências discursivas:

SD4: Diferente dos outros, o **meu** depoimento vai ser lido. **Preparei** um discurso que vou fazer, que é diferente dos outros para se mostrar que **a gente está estrangeiro, a gente não tem o domínio da língua igual a vocês, manipular as palavras, os verbos**. Por isso vou pedir para vocês me escutar com mais atenção, porque já **a gente fala com**

sotaque e vou **tentar** ler o discurso que eu **preparei**. (KONGO, 2015)
(Grifos nossos)

Num primeiro momento da sequência discursiva nº 4, exibida acima, Charly se refere à condição de estrangeiro utilizando o verbo estar, que no contexto da língua portuguesa representa uma condição de temporariedade. Ele também reforça não apenas a sua condição de estrangeiro imigrante refugiado, mas a condição de todos os refugiados, com a escolha do *eu* ampliado, "a gente", apesar de deixar claro que o proferimento foi escrito por ele, como observamos na utilização do pronome possessivo "meu" e do verbo "preparar" na primeira pessoa do singular, do pretérito perfeito do indicativo.

Na última frase dessa sequência a fala de Charly sugere uma necessidade de justificar sua relação com a língua que não lhe pertence, como se pedisse licença para falar de si na língua do outro. Apesar de ser fluente no português, e por isso ter sido o refugiado escolhido para realizar esse proferimento, ele evidencia uma preocupação com o seu sotaque e diz, inclusive, que vai "tentar" ler o que escreveu, como se naquele momento ele não pudesse falar livremente, da mesma maneira que ocorre na sua rotina diária, no ambiente de trabalho junto com outros brasileiros.

Na sequência nº 5, a seguir, a fala de Charly traz à tona um dos estereótipos sofridos por refugiados procedentes do continente africano.

SD5: Só pelo fato de sermos africanos, somos considerados **analfabetos**. **Pensam que não temos cultura**, que **não temos formação**, que somos **ignorantes**. (Grifos do autor)

O verbo pensar em terceira pessoa do plural remete a um interdiscurso naturalizado que generaliza os africanos, ignorando a sua diversidade, não concebendo a possibilidade de sequer terem frequentado a escola básica e desconsiderando qualquer manifestação cultural que faça parte de sua historicidade e os identifique como um imigrante procedente deste ou daquele país do continente africano.

As sequências discursivas destacadas acima retomam, na fala de Charly, os mesmos anseios dos estudantes da sala de aula do curso de português, bem como a insegurança, a frustração e a dor gerada pelas marcas do apagamento, pela dificuldade de transpor as fronteiras, pela sensação de não pertencer ao lugar onde se vive e por compreender na língua do outro, na língua que lhe é oferecida para que reconstrua a sua própria vida, o quanto ele ainda é dito de acordo com um imaginário que carrega uma memória discursiva tão estereotipada.

7. Considerações finais

Como dito anteriormente, a proposta pedagógica da Cáritas RJ, para o curso de português para refugiados, defende o ensino de um conteúdo emergencial, para que o imigrante refugiado possa comunicar-se basicamente nesse primeiro momento. Conteúdo semelhante ao proposto pela Cáritas RJ, nomeado *survival skills*¹⁵ por sua coordenação pedagógica, vem sendo difundido por outras instituições, e também em outros materiais didáticos de ensino de português do Brasil para estrangeiros.

Contudo, os próprios alunos demonstram que não querem ser limitados ao ensinamento básico da língua que ressignificará a sua história de vida de agora em diante e buscam alternativas, tais como livros que tomam emprestados em bibliotecas públicas, anúncios que recortam de jornais e apresentam aos professores durante as aulas, entre outras fontes que lhes permitam compreender, praticar e aprimorar-se cada vez mais. A proposta e o material elaborado até o momento tampouco atendem às expectativas dos imigrantes refugiados no sentido de agilizar sua adaptação ao novo cenário, valorizando sua autoestima e ajudando-os a ocupar um lugar como sujeitos discursivos nas novas comunidades onde estão inseridos.

Com base nos relatos dos estudantes, nos sentidos que se tornam evidentes e nos estudos da Análise do Discurso, entendemos que um caminho acessível talvez seja aquele que, na medida do possível, possa promover um diálogo entre a língua portuguesa do Brasil e a língua trazida pelo imigrante, entre a cultura de seu lugar de origem e a cultura do novo. Esse caminho talvez possa agregar a vivência do aluno às práticas lingüísticas do atual contexto social e da sala de aula, sensibilizando os voluntários que se dedicam a ensinar o português e que na maioria dos casos não são professores, mas sim cidadãos de boa vontade, para que juntos possam encontrar formas mais humanizadas de troca de conhecimento. A valorização das experiências de vida e das culturas é fundamental para promover o respeito e motivar a solidariedade entre pessoas de procedências diversas.

Concordando com Zoppi Fontana (2009: 21), afirmamos que a sala de aula "não se trata de um espaço onde se *apaguem as fronteiras entre as línguas*; ao contrario, é necessário o reconhecimento dessas fronteiras para que aconteça seu *transbordamento*".

¹⁵*Survival skills* é uma expressão que significa *habilidades de sobrevivência* e talvez por esse motivo tenha sido atribuída à proposta de ensino da Cáritas RJ para o curso de português que tem como principal objetivo fornecer ferramentas linguísticas emergenciais aos imigrantes refugiados.

Por isso, a kwanga¹⁶, o falafel¹⁷ e outras delícias típicas definem um sabor de imigrante que recém-chegado amarga o sabor da dor, mas nutre o desejo de reconhecimento, não apenas de sua condição de refugiado, mas da condição de sujeito que diz sobre si. E esse estrangeiro busca no discurso do outro a dignidade e a consideração que merece como ser humano que tem uma identidade, uma memória e uma história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, R.S. Português como segunda língua para comunidades de trabalhadores transplantados. *Revista da Simple*. Brasília, outubro 2011 (online).

BARRETO FILHO, H. Brasil desponta como nova rota dos refugiados. *O Dia Brasil*. Rio, São Paulo e Brasília, 07/09/2014. Disponível em <http://odia.ig.com.br/noticia/brasil/2014-09-07/brasil-desponta-como-nova-rota-dos-refugiados.html> . Acesso em 10/10/2015.

BRANDÃO, M. Entre expectativa e garantia de permanência, refugiados fazem a vida no Brasil. *Portal EBC. Agência Brasil*. Brasília, 02/08/2015. Disponível em <http://www.ebc.com.br/cultura/2015/08/entre-expectativa-e-garantia-de-permanencia-refugiados-fazem-vida-no-brasil>. Acesso em 09/10/2015.

CAMPOS, G. B. *Dois séculos de imigração no Brasil: a construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015*/Gustavo Barreto de Campos. Rio de Janeiro, 2015. Tese.

COSTAS, R. 'Brasil deveria receber 50 mil sírios'. *BBC Brasil*. São Paulo, 29/09/2015. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150924_oliver_stuenkel_ru. Acesso em: 09/10/2015.

IGLESIAS, M. I. F. No Brasil, imigrantes negros são tidos como um estorvo necessário. UOL Notícias Opinião. São Paulo, 13/10/2015. Disponível em <http://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2015/10/13/no-brasil-imigrantes-negros-sao-tidos-como-um-estorvo-necessario.htm>. Acesso em 16/10/2015.

KONGO, C. *Proferimento*. Ministério Público do Trabalho no Rio de Janeiro (MPT RJ). Rio de Janeiro, 2015.

ORLANDI, E.P. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2009.

¹⁶ A kwanga é uma comida típica africana. Uma iguaria de mandioca que demora até três dias para ficar pronta e que passa por vários processos de cozimento antes de chegar à mesa (Fonte: <https://www.facebook.com/caritasrj?fref=photo>).

¹⁷ Falafel é um salgadinho originário do Oriente médio. Consiste em bolinhos fritos de grão-de-bico ou fava moídos, normalmente misturados com condimentos como alho, cebolinha, salsa, coentro e cominho (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Falafel>).

RIZENTAL, Sabrina Sant'Anna. Uma sala para muitas línguas: transpondo fronteiras e unindo as diferenças para um aprendizado mais humanizador. *Revista Intercâmbio*, v. XXXIII: 108-124, 2016. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759X

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 6ª Ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

PAULO, P.P. Refugiados ensinam idiomas por meio de suas experiências culturais em SP. *G1*. São Paulo, 02/06/2015. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/06/refugiados-ensinam-idiomas-por-meio-de-experiencias-culturais-em-sp.html>. Acesso em 09/10/2015.

PÊCHEUX, M. *Análise de Discurso. Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi*. 4ª Ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

PUFF, J. Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz pesquisador. *BBC Brasil*. Rio de Janeiro, 26/08/2015. Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150819_racismo_imigrantes_jp_rm. Acesso em 09/10/2015.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras, 2006, pg. 213-230.

WEST, D. Language, thought and reality: a comparison of Ferdinand de Saussure's *Course in General Linguistics* with C. K. Ogden and I. A. Richards' *The Meaning of Meaning*. *Changing English*, Vol. 12, No. 2, August 2005, pp. 327-336. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1080/13586840500164631>. Acesso em 16/10/2015.

ZOPPI FONTANA, M. G. (org). *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: Editora RG, 2009.